
Dos males hipocondríacos. Fragmento

Paolo Zacchia

Nesta nossa cidade de Roma, fertilíssima em males hipocondríacos, viveu um homem muito bem afortunado, cujo nome convém que se cale. Ele não somente se comparava a poucos em riqueza, saúde, beleza de corpo e nobreza, mas também, o que é mais importante, era dotado de todas as virtudes e tinha costumes tais que ninguém poderia desejar que fosse mais agradável. Tinha a temperatura dos sanguíneos, a cor viva, a face alegre, os pêlos loiros, a estatura alta, o corpo bem formado, idade de 36 anos, e deleitava-se com todas as coisas que convém a um homem nobre, como cavalgar, duelar e caçar. Nem por isto era alheio às letras e outras virtudes; gostava sobretudo de música. Apreciava, em particular, o canto dos pássaros e mantinha vários deles, em gaiolas douradas e ornadas com distinção, em cada cômodo de sua suntuosa casa.

Gostava tanto desses pássaros, e inclusive de tomá-los na mão, que, como se fosse a causa, começou a estar fora do seu normal e, qual melancólico, a sentir no ventre muitos ares, rumores e murmúrios. Sentindo-se muito perturbado, consultou um médico da família e obteve como resposta, junto a um sorriso, que ele era hipocondríaco e que não tinha mal algum. A despeito do desdém do médico, sua enfermidade agravava dia a dia. Começou a fugir do convívio público e a se aborrecer com as conversas comuns dos

amigos. Estes trataram de chamar um médico, que procedeu com purgas e métodos refrescantes, pois a primavera se iniciava.

Tal tratamento resultou em uma melhora passageira, voltando a ver seus amigos, mas com o aquecimento do ar ele se tornou ainda mais melancólico. Não quis mais ver outras pessoas, mesmo aquelas de sua casa, retirando-se na parte mais alta e reclusa da mesma. Isolado, permitia apenas que um empregado o servisse.

Tornou-se taciturno, recusava qualquer visita ou refeição e não fechava os olhos mais para dormir. A única coisa que fazia era cuidar de seus pássaros, fechados com ele naquele cômodo.

Após algum tempo, começou a comer, beber, falar e cantarolar como os pássaros. E, logo, manifestou ter caído em uma tal loucura que se imaginava transformado em pássaro. Recusava-se a comer qualquer outra comida que não fosse aquela destinada aos pássaros, na sua vasilha própria. Praticamente não dormia, pois quando os pássaros cantavam, ele também cantava. Ele também pulava de um lado ao outro, sacudindo os braços, como fazem os pássaros de poleiro em poleiro dentro da gaiola. Isto durante uma hora inteira, ao cabo da qual parava. Após um mês, já se encontrava quase irreconhecível de tão magro.

Desesperados, os familiares queriam retirá-lo do esconderijo, na esperança de que ele recobrasse a sua saúde. O que se revelou impossível. O empregado lembrou, então, que seu patrão tinha muito medo da polícia, pois, certa vez, presenciara um assassinato e fora preso por alguns dias, sendo liberado quando ficou esclarecido que ele não tinha nenhuma culpa no ocorrido. Desde então, não podia nem ouvir falar da polícia que ele fugia desesperadamente como se fosse procurado, devido a um delito capital.

Os familiares e o empregado contrataram uma grande quantidade de homens armados para, em frente à casa do enfermo, fazerem muito barulho. Quando ele perguntou o que acontecia, o empregado respondeu que, em frente a casa, havia sido assassinado um jovem e que, quando ele fechou a porta a fim de bloquear o barulho, a polícia decidiu invadir a casa e prender a todos.

O enfermo, assustado, perguntou o que deveriam fazer para se salvar. O empregado replicou que era o momento de se servir das asas. “— E o que queria que eu fizesse?” respondeu o enfermo. O empregado, dirigindo-se à sacada, disse que ele poderia saltar de telhado em telhado até a casa dos vizinhos e de lá ir até a casa de seus pais onde a polícia não poderia alcançá-lo. O enfermo então perguntou: “— E você, que não tem asas como eu, o que fará para acompanhar-me?”. O empregado apenas o aconselhou a apressar-se e disse que ele mesmo encontraria uma solução.

O enfermo desceu, então, até a casa vizinha, movimentando-se como se estivesse voando, e de lá foi conduzido até seus pais. Como fazia muito calor e

devido ao grande esforço físico, o enfermo sentia muita sede. Serviram-lhe um vinho de excelente qualidade, que ele rejeitou, evidentemente, dizendo que não era bebida de pássaros. Mas ao afirmarem que não havia água na casa, e que a cisterna estava quebrada, ele acabou aceitando o vinho, e, gostando do mesmo, bebeu um segundo copo.

Ele foi convidado a participar de uma refeição, que também recusara em princípio, mas forçado pela fome, juntou-se aos outros, ainda mantendo alguns trejeitos de pássaro. Após a abundante refeição, regada a vinhos preciosos, adormeceu. Durante o sono, suou copiosamente, mas dormiu profundamente até o meio dia do dia seguinte quando, de volta a si, ocorre-lhe ser um homem, mesmo tendo adormecido como um pássaro. Assim que retornou à sua casa e, assistido por um médico mais prudente, tomou alguns remédios eficazes e oportunos, recobrou o senso e retornou a seus antigos hábitos agradáveis, para alegria dos parentes e amigos.

Referência

ZACCHIA, P. *De'mali hypochondriaci. Libri Tre.* Veneza: Paolo Baglioni, 1665. p. 295-297.
Tradução de Paulo José Carvalho da Silva.